Revista da Freguesia de Touro

burel



FREGUESIA

SEMESTRAL
JULHO 2026
Nº10

Casa Pública 03 / Boa Sorte 04 /
Tecelagem 14, 18, 20, 22, 32 /
Fiador 24 / Herança 34 /
Tear da Memória 36, 38, 40.

Alfaiates

Direção:
Mário Jorge Morgado

Design:
Ana Cristina Fernandes / newww.pt

Fotografia:
Outro Olhar Fotografia
João Cosme
João Morgado

Ilustração:
Teresa Martins

Edição e Textos:
Amadeu Araújo

Impressão:
Gráfica Diário do Minho

Burel, revista semestral, editada e produzida pela
Junta de Freguesia de Touro.

Número 10, Julho de 2026
Distribuição Gratuita

Caminhar com o território

No vale do rio Côvo, a partir do Senhor da Boa Sorte, está em curso um projeto que convida a caminhar; caminhar o território, caminhar a memória e caminhar o futuro. Do Touro até à entrada de Vila Nova de Paiva, caminhar pela Fé. A construção da Ecopista do Senhor da Boa Sorte está em andamento. O projeto inclui pavimentação, passeios e sinalização, visando ligar o Santuário do Senhor da Boa Sorte ao Touro, com uma componente tecnológica para ajudar o viandante a descobrir outros tempos, "Rimas de Outrora", no dizer de Jorge P. Lages e que se tornam contemporâneas.

Temos ainda outra ambição. Candidata ao Turismo de Portugal, um milhão de euros que junta três freguesias, outras tantas comunidades municipais e duas regiões de turismo, Centro e o Porto e Norte de Portugal, o corredor "Descobrir o Côvo e Demo", pelos vales quer marcar um percurso de natureza, de Vila Cova à Coelheira, vindo pelo Touro e caminhado já a Soutosa, e à Fundação Aquilino Ribeiro. Contemplar a fruição do Mestre, pelas mesmas paisagens que descreveu nos seus muitos romances. Aquilino é um alforge e este é percurso que não se limita a existir, propõe-se vivido, passo a passo.

Caminhar aqui é percorrer cerca de 22,4 quilómetros ao longo do rio, atravessando aldeias como Touro, Vila Cova à Coelheira, Cerdeira ou Segões. Caminhar é seguir trilhos antigos, recuperar caminhos de moleiros, pastores e agricultores, e voltar a caminhar percursos que sempre fizeram parte da vida local, do Touro e dos seus vizinhos, paivenses como nós todos.

Um projeto que cumpre o desígnio de revisitar Aquilino Ribeiro e que ainda se encontra em análise. Todavia caminha sobre um património consolidado, moinhos, açudes, levadas, poços naturais e galerias ripícolas e transforma-o numa experiência estruturada. Ao longo do percurso, caminhar é interpretar a paisagem, compreender a relação entre o homem e o rio, e valorizar um território que sempre soube caminhar por si, ainda que longe dos grandes centros. Um objetivo que conseguiremos alcançar e por isso a Burel propõe neste número a lógica, clara, da Freguesia de Touro, caminhar com o território, e não contra ele. Caminhar com soluções de baixa intrusividade, com materiais locais, com respeito pelos ecossistemas. Caminhar setor a setor, ajustando cada intervenção à realidade concreta do terreno. Caminhar devagar, mas com consistência. Caminhar pelo Touro e por Nós. Este é também um projeto que quer caminhar mais longe. Caminhar no sentido do desenvolvimento local, criando oportunidades económicas, sociais e culturais. Caminhar na valorização do património, com a recuperação de moinhos e a criação de espaços de interpretação. Caminhar na inovação, integrando conteúdos digitais e novas formas de comunicar o território. Caminhar, sobretudo, na construção de uma oferta turística sustentável e diferenciadora.

Neste processo, a comunidade é chamada a caminhar lado a lado. A Freguesia, as associações, os habitantes caminham o projeto, participam na sua gestão e ajudam a garantir a sua continuidade. Caminhar deixa de ser apenas ato físico, antes compromisso coletivo.

Caminhar a ecopista da Boa Sorte será, para muitos, voltar a caminhar o que ficou para trás. Caminhar as margens do Côvo, revisitar lugares, reencontrar histórias. Caminhar entre o passado vivido e o presente redescoberto. Caminhar, também, como forma de manter viva a ligação ao território.

Entre o que já foi feito e o que se quer continuar a fazer, este é um projeto que se define pela ação contínua. Caminhar para recuperar. Caminhar para valorizar. Caminhar para desenvolver. Caminhar para ligar. E caminhar também a tecer ambição.

Num país onde projetos como a Rota do Caldeirão mostraram como o Interior pode caminhar para a valorização sustentável, a ecopista da Boa Sorte posiciona-se como um novo eixo de afirmação das Terras do Demo. É essa uma ca(u)sa pública.

Caminhar aqui é, por isso, mais do que percorrer um trajeto, é inscrever este território numa rede mais ampla de destinos que souberam caminhar com inteligência, autenticidade e visão.

Porque há caminhos que já existem. E há o Touro, que está, de há muito, a caminhar.

Eu vejo, vivo e caminho a nossa terra! — (b)

Mário Jorge Morgado

Touro, o rio Côvo e, a arte antiga, de caminhar nas Terras do Demo

Texto: Amadeu Araújo

Encontrei-os no caminho. De café tomado, horta regada e boné posto. O dia era de calor. E, não o escondo, esta é das minhas épocas preferidas para cirandar no Touro. Fui-me pela Póvoa, à Cerdeira, assomei ao Viduinho, hortas a crescer, os córregos cheios de água, as belgas tratadas e conversa. Da justa, essa conversa com idosos enxutos, trabalhadores e ágeis, nas mãos e no pensar. E o pensar também nos salta ao caminho, há freguesias que se dão de imediato, como fruto maduro ao alcance da mão. Outros exigem vagar, silêncio e demora. Touro, esta carismática freguesia serrana, a Nave mesmo ali, do concelho de Vila Nova de Paiva, pertence a esta segunda espécie de lugares. Assente no imponente planalto da serra da Nave, a uma altitude que ronda e chega a superar os 800 a 1000 metros de altitude, o Touro não se revela à pressa nem se deixa resumir em postal ilustrado, como a correspondência de outra emigração. E o "cantar da emigração" enche conversas, acompanha caminhadas, lembra outras vielas. Ao Touro é preciso caminhar-lhe os caminhos, escutar-lhe as águas, pousar os olhos nas fragas e nos lameiros, para compreender que aqui a paisagem não é apenas cenário, é memória, trabalho, identidade e destino. Para mim, cruzo o Côvo, vai feliz e canta, encho-lhe o café e faço-me às rotas, aos caminhos, vejo as obras, os pequenos arranjos, ouço a passarada. Caramba, estou nas Terras do Demo, expressão eternizada por Aquilino Ribeiro, onde a natureza nunca foi mero adorno. Sempre foi condição de vida. O granito serviu para erguer casas e currais, a água para mover moinhos e regar os campos, os montes para sustentar rebanhos, e os caminhos para ligar aldeias que aprenderam, desde cedo, a resistir ao isolamento. Quem hoje percorre os trilhos de Touro não encontra apenas percursos pedestres; encontra séculos de convivência entre o homem e uma geografia simultaneamente austera e generosa. E caminhos do antes, vestidos com farpela moderna, mas caminhos, veredas, sulcos na paisagem e nos pés que nos contam estórias. Como a do rio.

O rio Côvo, correndo entre fraguedos e galerias verdes, é a espinha dorsal do Touro. Não é um rio de grande fama nem de caudais impetuosos. É antes presença constante, discreta e fecunda, dessas que trabalham em silêncio e deixam marca profunda. Se há um trilho capaz de apresentar o território a quem chega pela primeira vez, é a Rota do Caldeirão, identificada oficialmente como PR2

Boa Sorte

VNP, a burocracia até na nomenclatura do caminho e eu à procura do moinho. Curta, circular e acessível, a rota acompanha ao longo de cerca de três quilómetros as margens do rio, partindo do frondoso Parque Urbano do Touro, onde vão altos freixos e choupos. As cigarras ainda não andam pelos pinhais, mas atravesso um corredor verde onde amieiros, freixos, salgueiros e vegetação ripícola formam uma espécie de catedral natural. A luz filtra-se entre as copas, o ar refresca-se junto à corrente e o caminheiro percebe, desde os primeiros metros, que entrou num espaço onde o tempo corre de outra maneira. Não é um percurso para colecionar quilómetros nem para medir desempenhos atléticos. É um caminho de contemplação. E de bornal. Com cajado, sim.

Ao longo da vereda sucedem-se lameiros húmidos, pequenos bosques e recantos onde a água se demora em remansos cristalinos. O destino é o Caldeirão, uma impressionante formação escavada pela persistência milenar da corrente. A rocha granítica abre-se como um anfiteatro natural, moldado pela paciência geológica. Ali, o som da água substitui qualquer discurso. A paisagem fala por si. Há lugares que parecem construídos para a fotografia. O Caldeirão parece construído para a permanência.

Se o Caldeirão revela o lado mais íntimo do rio, a Rota do Touro, ou PR4 VNP, é como vos digo as traquitanas modernas compulsam todo este saber, oferece uma visão mais ampla da alma destas terras. Com cerca de sete quilómetros de extensão e uma dificuldade considerada média-baixa, o percurso desenvolve-se entre margens fluviais, zonas agrícolas e pequenas elevações, desenhando uma espécie de retrato em movimento da freguesia que se cumpre em cerca de duas horas de marcha. Aqui a paisagem não surge vazia. Está habitada. Está trabalhada. Está viva. Os caminhos passam por cortes de gado, atravessam lameiros, contornam muros de granito erguidos pedra sobre pedra por mãos antigas, aproximam-se de espigueiros e eiras onde ainda parece ecoar o ritmo das malhas de outros tempos. Lá virá o tempo dela. O pedestre, ou pedestrianista para merecermos as palavras atiradas aos sapatos, depara-se ainda com a imponência da Cascata da Água d'Alte e com as Cortes, um singular núcleo abandonado de cerca de trinta habitações e abrigos de pedra onde os pastores outrora pernoitavam com o gado.

A ruralidade não aparece aqui como encenação turística; continua bem presente na vida quotidiana. Cruzamo-nos com uma junta de vacas num prado, um agricultor a mondar uma horta, uma chaminé acesa libertando fumo numa manhã de sol, ou um rebanho conduzido lentamente por caminhos que os animais conhecem melhor do que qualquer mapa. Tudo isto faz parte da experiência. A caminhada transforma-se numa leitura da paisagem, mas também numa leitura da sociedade rural que a construiu.

Menos divulgada, mas de enorme valor patrimonial, a Levada Redonda constitui outra das expressões mais interessantes da relação ancestral entre as comunidades locais e os recursos hídricos. Ao longo dos séculos, a água foi distribuída através de engenhosos sistemas de canais, levadas e pequenos açudes que permitiam fertilizar campos e garantir colheitas numa economia agrícola de subsistência. Hoje, quando tanto se fala de sustentabilidade e gestão eficiente dos recursos naturais, estes sistemas tradicionais revelam uma surpreendente atualidade. Não nasceram de planos estratégicos nem de tecnologias sofisticadas. Nasceram da observação, da experiência e da necessidade. Representam uma sabedoria prática acumulada ao longo de gerações, demonstrando que o desenvolvimento sustentável não é uma invenção recente; esteve sempre ali, inscrito na paisagem. Percorrer estas veredas é descobrir uma espécie de engenharia silenciosa, quase invisível, mas decisiva para a construção do território. E ir cuidando.

A Ecopista da Boa Sorte acrescenta outra dimensão ao conjunto de percursos disponíveis. Aqui o caminhar torna-se ainda mais sereno. O piso regular e os declives suaves convidam a um ritmo pausado, quase meditativo. Não há urgência nem conquista; há apenas uma deslocação tranquila através da paisagem. Num mundo dominado pela velocidade, estes corredores verdes assumem valor crescente. Permitem que famílias, crianças e idosos usufruam do território em condições de conforto e segurança. Transformam o exercício físico numa experiência acessível e prazerosa. Mais do que uma infraestrutura de lazer, a ecopista funciona como uma infraestrutura de saúde, onde cada passo representa um investimento silencioso no bem-estar físico e mental. E se vamos de companhia, falatório e os pequenos pormenores.

O projeto Descobrir o Côvo e o Demo, uma iniciativa de desenvolvimento territorial, terá um eixo principal de cerca de 22 quilómetros, onde o património e a identidade local se entrelaçarão.

Está tudo engendrado, do último manejo, no projeto Descobrir o Côvo e o Demo, porventura a mais ambiciosa iniciativa de desenvolvimento territorial atualmente desenhada para esta região. O eixo principal estender-se-á ao longo de cerca de 22 quilómetros, acompanhando o rio desde Vila Cova à Coelheira até Segões, ligando as localidades de Touro, Cerdeira, Póvoa, São Martinho e Peva. Mais do que criar um percurso novo, pretende-se estruturar uma narrativa onde a biodiversidade, o património e a identidade local se entrelaçam. O projeto parte de uma ideia particularmente feliz, recuperar os antigos caminhos de moleiros, pescadores, a truta senhores, agricultores e rebanhos. Em vez de impor estruturas estranhas à paisagem, procura-se valorizar os traçados que nasceram organicamente da relação histórica entre as pessoas e o território. A opção é reveladora de uma filosofia que escolhe não transformar a paisagem, mas interpretá-la, rejeitando substituir a memória para, em vez disso, a reanimar.

O vale do Côvo constitui uma das maiores riquezas ecológicas das Terras do Demo. As suas margens acolhem habitats profundamente diversificados, onde coexistem galerias ripícolas, zonas húmidas, poços, açudes e pequenos sistemas agrícolas tradicionais. Esta diversidade traduz-se



numa elevada riqueza biológica, servindo de refúgio e local de reprodução a aves, anfíbios, insetos polinizadores e inúmeras espécies vegetais. Num contexto global marcado pela perda acelerada de biodiversidade, estes ecossistemas assumem uma importância vital. Não representam apenas um valor ambiental isolado, são também um ativo económico intangível. O turismo de natureza procura precisamente aquilo que ainda subsiste nestes vales, a autenticidade, a tranquilidade e o contacto genuíno com os processos naturais. E com as gentes. E se elas têm memória e saberes. A grande virtude do projeto reside, por isso, na escolha de um modelo de baixa intensidade, onde o objetivo não é massificar, mas preservar, garantindo que o território não se transforma num parque temático e continua a ser, verdadeiramente, território.

Ao longo do rio persistem também os vestígios dos antigos moinhos de rodízio. Alguns ainda resistem de pé, orgulhosos, enquanto outros são apenas ruínas poeticamente abraçadas pela vegetação. Todos, no entanto, contam a mesma história. Durante séculos, a força da água foi energia, sustento e progresso. Os moinhos eram locais de trabalho duro, mas eram igualmente espaços de encontro, lugares onde circulavam as notícias, as histórias e os afetos da comunidade. A sua recuperação e salvaguarda não devem ser vistas como uma mera questão de nostalgia patrimonial. São uma forma essencial de manter viva a memória coletiva, porque uma paisagem sem memória transforma-se rapidamente num cenário vazio. E as Terras do Demo nunca foram cenário; foram sempre vida pulsante.

A ciência confirma hoje aquilo que os antigos habitantes destas encostas sabiam, e me vão contando, de forma intuitiva. Caminhar faz bem à saúde, e caminhar em ambiente natural faz ainda melhor. O contacto regular com os espaços verdes reduz comprovadamente os níveis de ansiedade, melhora os indicadores cardiovasculares, favorece o equilíbrio emocional e contribui para a prevenção de múltiplas doenças do nosso século. Mas existe uma dimensão nestes trilhos que é muito mais difícil de medir: a sensação de pertença, o reencontro com os ritmos estritamente humanos e a capacidade recuperada de observar sem pressa. Nas margens do Côvo, esses benefícios tornam-se particularmente evidentes. O som constante da água, a sombra

O verdadeiro valor do Touro não está fechado nos seus trilhos homologados; está na integridade da sua paisagem inteira, na água límpida que continua a correr, nos muros de granito que teimam em resistir, nos campos que ainda são cultivados e nas aldeias que persistem contra a corrente da interioridade.

fresca das árvores, o aroma característico da terra húmida depois da chuva ou o simples movimento das nuvens sobre a crista da Serra da Nave produzem um efeito restaurador que nenhuma tecnologia consegue simular ou reproduzir.

Talvez o maior desafio que se coloca ao Touro e ao concelho de Vila Nova de Paiva seja precisamente este, garantir que a imensa riqueza hoje existente permaneça intacta e disponível para os que virão no futuro.

Os percursos pedestres, os projetos de valorização ambiental e as iniciativas de turismo de natureza só farão verdadeiro sentido se contribuírem ativamente para conservar aquilo que torna este território único. Porque o verdadeiro valor do Touro não está fechado nos seus trilhos homologados; está na integridade da sua paisagem inteira, na água límpida que continua a correr, nos muros de granito que teimam em resistir, nos campos que ainda são cultivados e nas aldeias que persistem contra a corrente da interioridade. E que, sejamos sensatos, também trazem sustento. Os tourenses, diz-me o Cónego Fonseca da Gama que me acompanha neste tear, também souberam sustentar a escola, ainda antes "do posto escolar". "Na margem esquerda do Côvo, ao cimo de um largo, no meio do qual há uma carvalha secular. Era ali, debaixo daquela carvalha, que a filarmónica das festas de estrondo dava o seu concerto diurno". Grande padre, extraordinário intelectual, prodigioso contador. O Cónego Fonseca da Gama bem sabe a escritaria que nos deixou. Resta seguir-lhes os passos, ou, outro Mestre.

Aquilino Ribeiro conhecia profundamente esta geografia moral e física. Sabia que as Terras do Demo eram muito mais do que uma mera demarcação regional no mapa da Beira Alta; eram, acima de tudo, uma forma muito própria de olhar o mundo. Caminhar hoje pelas margens do rio Côvo e cruzar os caminhos da freguesia do Touro é, de certa maneira, reencontrar esse olhar primordial. Um olhar atento aos mais pequenos sinais da natureza, às marcas indeléveis do trabalho humano e à beleza discreta das coisas que foram feitas para durar. Num país tantas vezes apressado e distraído pelo efémero, talvez seja essa a maior riqueza destas terras, a capacidade de nos ensinarem, ainda hoje, a arte antiga de caminhar devagar.— ⓑ

Santo António, o santo de todo o mundo

Texto: Pe. Justino Lopes

O mês de Junho é o mês dos Santos Populares. O primeiro é Santo António. Nasceu a 15 de Agosto de 1195 na cidade de Lisboa. Durante seis anos estudou em Lisboa, seis anos na escola da Sé e dois no Mosteiro de São Vicente de Fora, donde transitou para Santa Cruz de Coimbra. Aqui aprofundou os estudos das Ciências Sagradas. A Bíblia era o livro onde mergulhava o seu pensamento e queimava as suas pestanas. Dizem que se, por acaso, a Bíblia desaparecesse, ele a reproduziria, palavra por palavra. Foi chamado a "Arca do Testamento".

Em 1220, impelido pelo chamamento de Deus, passou para a Ordem Franciscana e São Francisco, perante a sua sabedoria, chamava—o de "meu bispo". A Força da sua pregação estava na sua sabedoria, na sua humildade, na defesa dos oprimidos, no conforto aos presos, na defesa da verdade.

Morreu em 13 de Junho de 1231. Foi declarado Doutor da Igreja e Santo de todo o mundo. Não há terra que não tenham um altar ou uma capela em honra de Santo António.

O Touro, em 1620, ergueu no morro, donde brota uma nascente (canalizada, nos princípios do século passado, para o Senhor do Amparo) a Capela em honra de Santo António que deu o nome ao lugar.

Os agricultores entregavam, à sua proteção, a guarda dos animais e, depois da matança, ofereciam-lhe salpicões, o pernil, etc.

Faz-nos bem lançar um olhar atento e profundo sobre os seus ensinamentos falados ou escritos, só assim descobriremos, para além dos folguedos, das marchas, das bilhas partidas, do Santo casamenteiro, a verdadeira identidade e personalidade do Taumaturgo português.



ALGUNS EXTRATOS DOS SEUS SERMÕES:

1º Cessem as palavras... falem as obras.

"(...) Quem está cheio do Espírito Santo, fala várias línguas. As várias línguas são os vários testemunhos como a humildade, a pobreza, a paciência, a obediência: falámo-las quando mostramos aos outros estas virtudes na nossa vida. A linguagem é viva quando falam as obras. Cessem, portanto as palavras e falem as obras".

2º A caridade.

"A Caridade é expressão da justiça. Entesoura no Céu aquele que dá a Cristo; dá a Cristo aquele que dá ao pobre. Foi o que disse Jesus: 'O que fizerdes aos outros é a mim que o fazeis".

3º A santidade

- "Os Santos neste lugar tenebroso, brilham como as estrela no firmamento. E, tal como o calçado defende os pés, assim os exemplos dos santos defendem a nossa alma, tornando-nos capazes de espezinhar as sugestões do demónio e as seduções do mundo".

4º O sermão aos peixes.

-"Estando Santo António em Rimini, onde havia grande multidão de hereges, um dia, por divina inspiração, dirigiu-se ao mar, no sítio onde desagua, e ali, começou a falar aos peixes, em forma de pregação:

- "Peixes meus irmãos, muita obrigação tendes de vos mostrar agradecidos, conforme a vossa capacidade, ao Criador, que vos concedeu tão nobre elemento para vossa morada. Tendes ao vosso dispor água doce e água salgada. Deu-vos muitos abrigos onde podeis defender-vos contra as tempestades.

Deu-vos, mais, elemento claro e transparente, e comida para vos manterdes. Deus, vosso Criador generoso e benigno, deu-vos, quando vos criou, preceito de vos multiplicardes e vos abençoou; depois, quando foi do dilúvio universal, todos os outros animais morreram, a vós somente preservou Deus de todo o dano. Deu-vos ainda barbatanas para que possais ir aonde vos aprouver.

A vós foi concedido, por ordem de Deus, guardar o profeta Jonas e, depois de três dias, lançá-lo à terra, são e salvo. Fostes vós que ao Senhor oferecestes o tributo que Ele, como pobrezinho, não tinha para pagar. Por todas estas coisas, estais muito obrigados a louvar e bendizer ao Senhor: que vos favoreceu mais que a todas as outras criaturas".

A estas e semelhantes palavras e ensinamentos de Santo António, começaram os peixes a abrir a boca, a inclinar a cabeça, e com estes e outros sinais de reverência, conforme podiam, louvavam a Deus. A este milagre, começou o povo da cidade a correr; entre os de mais, acudiram também os ditos hereges, que, vendo tão extraordinário e manifesto milagre, foram lançar-se aos pés do Santo, para ouvir a sua palavra". (Florinhas de S. Francisco nº 40).

5º A barca é a cruz de cristo.

" A barca é a Cruz de Cristo. É ela que nos faz chegar ao litoral da Pátria Celeste. Assim como a barca é estreita nas extremidades e larga no meio, também a cruz nas duas extremidades, quando puserem e tirarem os cravos dos pés e das mãos, foi estreita, isto é, cheia de angústias; no meio, porém, isto é, quando orou pelos que o crucificaram, prometeu o reino ao ladrão, encomendou a Mãe ao discípulo, de algum modo foi larga".

6º Acerca de Santo António.

o grande orador e literato, P. António Vieira, retrata Santo António deste modo:
"Se vos adoece um filho, Santo António;
Se vos foge um dos servos, Santo António;
Se mandais encomendas, Santo António;
Se perdeis alguma coisa, Santo António."



Responso a Santo António

A devoção popular a Santo António é tanta que lhe atribuem poderes divinos e o têm como patrono de todas as coisas perdidas

"Se milagres desejais,
Recorrei a Santo António;
Vereis fugir o demónio
E as tentações infernais.

Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no lugar do furacão
Cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
Se moderam se retiram,
Digam-no aqueles que o viram,
E digam-no os lusitanos.
Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são.

Recupera-se o perdido.
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Glória ao Pai, e ao Filho
e ao Espírito Santo. Rogai por nós,
bem-aventurado António,
Para que sejamos dignos
das Promessas de Cristo.

São João Baptista, a voz no deserto

Texto: Pe. Justino Lopes

João foi o presente com que Deus abençoou o casal Zacarias e Isabel. A palavra João quer dizer dom, presente agradecido de Deus depois de tantas preces para olhar a desdita do casal sem filhos.

O seu nascimento tinha sido profetizado pelo profeta Malaquias: " Diz o Senhor Deus: Vou enviar o meu mensageiro para desimpedir o caminho diante de Mim. (...). Há-de purificar os filhos de Levi, apurá-los-á como se apura o ouro e a prata. Ficarão em condições de apresentarem ao Senhor a oferenda que é devida (Mal.3, 1-5).

O ser nascimento foi uma alegria para o casal e para os amigos - "será para ti, uma grande alegria e muitos se alegrarão com o seu nascimento (Lc. 1,14)

Da sua meninice e adolescência pouco ou nada sabemos. Terá frequentado o mosteiro de Qumran, nos arredores do Mar-Morto e, jovem- adulto assentou arraias no deserto pregando a penitência como meio para a conversão. São Jerónimo disse que "João vivia no deserto em busca de Cristo e não se interessava de mais nada".

O historiador Flávio Josefo (37 depois de Cristo), quase seu coetâneo, diz de João Batista: "O seu carácter era estranho e a sua vida não era humana, vivia como um espírito sem carne. Os seus lábios não conheciam o pão. Mesmo na Páscoa não comia os ázimos, dizendo que esse pão fora dado a comer em memória de Deus que libertara o seu povo da escravidão, como consolação pela rudeza do deserto. Alimentava-se de raízes, gafanhotos e frutos silvestres. Tinha horror a toda a carne animal. Quanto ao vinho e às bebidas inebriantes, não as suportava nem queria vê-los junto de si".

O corpo mirrado pela austeridade da penitência, era parte coberto com uma pele de camelo e parte nu". Pregava a austeridade e apelava a uma constante conversão interior e a uma sincera mudança de mentalidade, de atitudes para melhor receber o Messias que vai chegar.

A sua missão era dar "testemunho da Luz" apesar de se reconhecer frágil e pequeno - "eu não sou digno" - mas isso não ´é obstáculo a ser testemunha da Luz que é Cristo. Ele era apenas a Voz - "não sou o Messias, não sou Elias, não sou profeta mas sou a Voz de alguém que está no meio de vós e não conheceis. Preparai os caminhos do Senhor".

A coragem em enfrentar Herodes –"não te é licito levares para tua casa a mulher do teu irmão"- Valeu-lhe ser degolado, numa festa de anos e com o cérebro a ferver de álcool, a pedido de Salomé.

Virgil Georgiu diz que "João Batista possuía três coroas: a Virgindade, o desprezo do mundo e o martírio"

Jesus faz o maior elogio de João Batista; "Entre os nascidos da mulher, não apareceu nenhum maior que João Batista (Mat.11,11).

Talvez, porque a festa de São João coincide com o solstício de Verão com toda a herança pagã e, também, porque o povo não consegue copiar os ensinamentos dos santos, converte os santos ao seu gosto com formas diversas da celebração.

Aqui, na nossa aldeia, em tempos, não longínquos, os rapazes, na noite de São João, acendiam, no largo de Santo António, uma grande fogueira onde queimavam molhos de rosmaninho. Depois, era ver quem mais saltava sem se queimar.

Era a noite das travessuras: carros das vacas emborcados, vasos de flores levados das varandas para o adro da igreja e, alta madrugada, um banho nas levadas do Valtojoso.

Também as pastores davam banho aos seus rebanhos, pois era crença que, nesse dia, as águas eram bentas e São João os abençoava.

Os agricultores manifestavam a sua sabedoria em vários adágios:

"Chuva de São João bebe o vinho e come o pão"

"Pelo São João, pinga a sardinha no pão"

"Ande o verão por onde andar que, pelo São João, há-de chegar"

"Em junho, foice em punho"



Tecelagem

São Pedro, o pescador de peixes e de homens

Texto: Pe. Justino Lopes

O mês de Junho termina com a festa São Pedro, como canta o Povo:
"No dia 13 de Junho, Santo António se demove.
São João a vinte e quatro,
E São Pedro a vinte e nove".

O seu nome era Simão, natural de Betsaida da província da Galileia e de profissão pescador. Seu irmão André era discípulo de João Baptista que, ao cruzar-se com o Jesus, o apresentou como o Messias esperado. André deixou o Baptista e voltou-se para Jesus. Não contente com isso, foi chamar seu irmão Simão que viu, ouviu e seguiu Jesus: "**Mestre, onde moras?** — "**Vem e vê**". E seguiu Jesus.

Um dia de teste apostólico, Jesus perguntou-lhes: — "**Quem dizeis vós que Eu sou? Quem sou Eu, para vós?**". E Pedro, numa resposta rápida, declarou, num ato de fé: — "**Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo**". Acreditou na Divindade de Cristo. E Cristo premiou-o com a responsabilidade de confirmar, na fé, os irmãos.

— 1º Mudou-lhe o nome, "**Tu és Pedra, és rocha firme, na qual edificarei a minha Igreja**". Deixou para trás o nome de Simão e, agora é Pedra, Pedro.

— 2º Dá-lhe os poderes sobre a Igreja: — "**Dar-te-ei as chaves do Reino, tudo o que ligares na Terá confirmado no Céu**". Razão por que na sua estatuária aparece com as chaves na mão.

— 3º Entregou-lhe o pastoreio do Seu Povo, (...) **Apascenta as minhas Ovelhas**".

Foi condenado à morte, juntamente com São Paulo. Pedro crucificado, a seu pedido, de cabeça para baixo porque não se achava digno de morrer com o seu mestre; Paulo apelou para a sua cidadania romana e exigiu ser morto como um romano, degolado.

O Povo, tal como fizera com Santo António e São João, também festeja e canta as ações de São Pedro:
"**São Pedro é pescador/**
Na praia dos filisteus;
Pensou que pescava peixe,/
E pescou Almas para Deus
(Mt.4,19).

Quanto à entrega das Chaves do Reino:
"**São Pedro é um velho/**
Na idade e no juízo.
Que o fez Nosso Senhor/
Chaveiro do Paraíso
(Mt. 16, 19)

Mas Pedro, medroso a quando da prisão de Cristo, negou conhecê-lo:
"**Se São Pedro não negasse /**
a Cristo como negou,
O galo lhe cantava /
melhor do que não cantou
(Jo. 13,38).

Nalgumas Terras, também, fazem de Pedro, um santo casamenteiro:
"**Ó apóstolo São Pedro /**
Que tendes na mão, que luz?
A petição das donzelas /
Despacha-as por Jesus.



Muitas torres das Igrejas têm um catavento em forma de galo que lembra a tríplice negação de Pedro.
"**Ó Apóstolo São Pedro /**
Que tendes no vosso sino?
Um galo preto romano /
Para cantar ao divino.

Também cantam o próprio dia da festa:
"**Ó Apóstolo São Pedo, /**
Tendes uma rosa no punho;

Em muitas casas antigas vê-se a imagem de São Pedro pintada num painel de azulejo:
"**Ó Apóstolo São Pedro, /**
vizinho da minha rua,
No Céu há-de juntar /
A minha alma com a tua".

Não há dúvida:
"**Grande poeta é o Povo**"



O Tio João Rabelo, um santo ao pé da porta

Texto: Pe. Justino Lopes

Disse o Papa Francisco. "Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazerem o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Esta é, muitas vezes, a santidade "ao pé da porta" daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus".

Nas nossas Comunidades Paroquiais vivem pessoas com tamanha integridade, honestidade, generosidade, bondade, fé, e zelo pela Casa de Deus, amor a Nosso Senhor e à Virgem que bem se podem apelidar de "santos ao pé da porta". Podemos incluir neste grau de santidade o tio João Rebelo e outras pessoas das nossas Aldeias.

Quem se lembra do Tio João Rebelo?

Nascido a 5 de Julho de 1916, viveu sempre com o seu irmão José, ajudando a criar os onze filhos com que Deus o abençoou. Foi um moiro de trabalho duro e difícil como, aliás, todos os conterrâneos do seu tempo.

Nunca andou na escola e lamentava-se da falta de possibilidades económicas de seus pais para o deixarem estudar. Ficava triste quando via o Alberto (D. Alberto C. do Amaral) e o Mário Fernandes (P. Mário) partirem para o Seminário e ele ficar. "Também gostava de ser padre para ser útil às almas e dedicar-se mais à conversão dos pecadores. Tenta colmatar esta falta com a sua vida de piedade e oração, vivendo em grande intensidade o lema dos beneditinos: ORA ET LABORA, trabalho e oração. (...). Nunca esteve ocioso, nunca lhe faltou tempo para castigar o corpo com o trabalho e saciar a alma com a oração. Madrugada cedinho, lá está na igreja paroquial a fazer uma longa oração da manhã. Ele sabia que de manhã se começam os bons dias. Não tem pena do tempo que ali passa aos pés do Senhor em íntimo colóquio... Depois, enxada ao ombro, parte sozinho para o trabalho duro apesar da idade já avançada. Por motivo algum, omite a visita diária ao Santíssimo Sacramento. Sem respeitos humanos reza, canta sozinho ou acompanhado. Às vezes nota-se a desafinação que sobressai mas que importa? A sua intenção é louvar a Deus como pode e sabe" (C. A, in Luz na Montanha, Maio 1996).

Cristão dos quatro costados, participava sempre nas atividades da Paróquia, mesmo na peregrinação ao Santuário da Senhora da Lapa que fez, sempre a pé, perto de quinze quilómetros, até aos noventa anos.

Quem viesse dos lados da Saínça, da Ribeira da Póvoa ou de Cinfães, ao avistarem o Cemitério, rezavam pelas Almas e chamavam, alguns ainda chamam, a esse lugar, OS FIÉIS de DEUS (defuntos). Mas, ao avistar, ao longe, a Igreja Paroquial, onde está o Santíssimo Sacramento, o tio João parava, fazia uma genuflexão e invocava o Santíssimo Sacramento com as jaculatórias: "Graças e louvores se deem a todo o momento ao Santíssimo e Divinníssimo Sacramento" ou o "Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do Altar..." E, se fosse acompanhado, sobretudo com garotos, recomendava que nunca deixassem de o fazer. Aproveitava estes momentos para, com pequenas didascálias, fazer catequese.

São, no dizer do Papa, estes "santos ao pé da porta" que dão visibilidade à presença de Deus no mundo.

Agora no Céu, embora com voz já gasta e rouca, desafia os Anjos e todos os santos a cantarem graças e louvores se deem a todo o momento, ao Santíssimo e Divinníssimo Sacramento.

Mais "Santos ao pé da porta", precisam-se nas nossas Comunidades Paroquiais. — (b)

Cristão dos quatro costados, participava na peregrinação ao Santuário da Senhora da Lapa que fez, sempre a pé, até aos noventa anos.



Cláudio Ramos

Desportista profissional,
nasceu no Touro.

Crescer no Touro teve uma influência enorme na pessoa e no atleta que sou hoje.

Cláudio, sendo natural de Touro, uma terra com uma identidade muito própria no concelho de Vila Nova de Paiva, como é que nasceu a tua ligação ao desporto e de que forma as paisagens da tua infância influenciaram o teu gosto pelas atividades ao ar livre?

Crescer no Touro teve uma influência enorme na pessoa e no atleta que sou hoje. Desde pequeno que estava habituado a brincar na rua, a correr e a jogar futebol. Foi aí que nasceu o meu gosto pelo desporto. A tranquilidade, o ar puro e a liberdade que Touro oferece ensinaram-me a valorizar um estilo de vida ativo, algo que ainda hoje faz parte da minha rotina como futebolista profissional.

Para quem não conhece a fundo a freguesia, como descreverias o "espírito" das gentes de Touro no que toca ao associativismo e à envolvência nas iniciativas desportivas da terra?

O Touro é uma freguesia onde o associativismo existe, embora a participação nem sempre seja muito expressiva. Ainda assim, quando surgem iniciativas desportivas ou eventos que mobilizam a comunidade, há um grupo de pessoas que se envolve de forma dedicada e voluntária, contribuindo para manter vivas estas tradições. Existe potencial para uma participação mais alargada, e cada iniciativa é também uma oportunidade para reforçar o espírito de união entre os habitantes.

O caminhar e o pedestrianismo têm ganho cada vez mais adeptos em Portugal, tanto pelo bem-estar físico como mental. Para ti, o que é que torna o ato de caminhar pelos trilhos e caminhos de Touro uma experiência única em comparação com outros locais?

Caminhar pelos trilhos de Touro é muito mais do que fazer exercício. É uma oportunidade para desligar da rotina, respirar ar puro e apreciar paisagens que fazem parte da minha identidade. Como atleta, sei a importância da recuperação física e mental, e caminhar num local como Touro transmite uma tranquilidade difícil de encontrar noutros sítios é o único sítio onde consigo realmente desligar da rotina e do stress diário da minha profissão.



A proximidade dos rios Côvo e Paiva conferem uma beleza única às paisagens e tornam as caminhadas muito mais agradáveis, proporcionando contacto direto com a natureza e tranquilidade.

Se tivesses de escolher um percurso, um recanto ou uma vista imperdível na freguesia para recomendar a alguém que queira iniciar-se nas caminhadas por cá, qual seria o teu "trilho de eleição"?

Se tivesse de escolher um percurso para recomendar a quem visita a nossa freguesia, seria sem dúvida a Rota do Caldeirão do Touro. É o meu trilho de eleição porque reúne o que de melhor Touro tem para oferecer: natureza, tranquilidade e paisagens de grande beleza. O percurso acompanha o rio Côvo, passando por zonas de vegetação ribeirinha, antigos caminhos e recantos que mostram a riqueza natural da freguesia. O Caldeirão é um dos pontos mais emblemáticos da rota, um local único moldado pela água ao longo dos anos. É um percurso que me lembra muito da minha infância, porque era o nosso local de diversão durante as nossas férias.

O Touro é banhado pelos rios Côvo e Paiva, um dos rios mais puros da Europa. De que forma a proximidade da água e das zonas ribeirinhas enriquece o potencial das caminhadas e do desporto na nossa freguesia?

A proximidade dos rios Côvo e Paiva é uma das grandes riquezas da nossa freguesia. Estes cursos de água conferem uma beleza única às paisagens e tornam as caminhadas muito mais agradáveis, proporcionando contacto direto com a natureza e tranquilidade. O rio Paiva, reconhecido pela pureza das suas águas, e o rio Côvo enriquecem percursos como a Rota do Caldeirão do Touro, oferecendo cenários únicos ao longo do trajeto. Para além das caminhadas, estas zonas ribeirinhas têm um enorme potencial para promover atividades desportivas e de lazer ao ar livre, incentivando um estilo de vida ativo e permitindo que quem nos visita descubra a riqueza natural da nossa freguesia.

Olhando para a realidade atual de Touro, como avalias a oferta desportiva disponível para a população? Sentes que há uma boa cobertura para todas as faixas etárias, desde os mais jovens até aos seniores?

Considero que Touro dispõe de uma oferta desportiva interessante, sobretudo tendo em conta a dimensão da freguesia. Existem iniciativas e

atividades que promovem a prática desportiva e o convívio entre a população. No entanto, há sempre margem para crescer, especialmente no que diz respeito à oferta regular para diferentes faixas etárias. Penso que seria importante reforçar as oportunidades para crianças, jovens e também para os seniores, através de atividades diversificadas e adaptadas às suas necessidades. O desporto é uma excelente forma de promover a saúde, o bem-estar e a ligação entre a comunidade, pelo que investir nesta área será sempre uma mais-valia para a freguesia.

O desporto e as caminhadas organizadas são também excelentes motores de turismo e de fixação de pessoas no interior. Que impacto real sentes que as atividades desportivas e os eventos sazonais trazem para a economia e para a vida social de Touro?

As atividades desportivas e as caminhadas organizadas têm um impacto muito positivo no Touro, não apenas do ponto de vista desportivo, mas também económico e social. Sempre que se realiza uma caminhada, uma rota pedestre ou um evento sazonal, há uma maior circulação de pessoas na freguesia, o que acaba por beneficiar o comércio local, a restauração e os pequenos negócios da região. Para além disso, estes eventos ajudam a dar visibilidade ao território e a mostrar a quem nos visita a riqueza natural e paisagística de Touro.

No plano social, o impacto é igualmente importante. As iniciativas desportivas criam momentos de convívio, aproximam diferentes gerações e reforçam o sentimento de pertença à comunidade. Num território do interior, onde é essencial combater o isolamento e promover a dinamização local, o desporto e as caminhadas acabam por desempenhar um papel agregador. Embora haja sempre margem para aumentar a participação e diversificar a oferta, acredito que estes eventos contribuem de forma real para tornar Touro mais ativo, mais conhecido e mais atrativo para quem cá vive e para quem nos visita

Há quem veja o desporto apenas como competição, mas nesta entrevista falamos muito de saúde, convívio e superação. Qual é a tua filosofia pessoal em relação à prática desportiva diária?

Para mim, o desporto vai muito além da competição. Vejo-o como uma forma de cuidar da saúde física e mental, criar hábitos positivos e desenvolver disciplina. A prática desportiva diária ajuda-nos a superar desafios, a aliviar o stress e a ganhar energia para enfrentar o dia a dia.

Também valorizo muito a componente social do desporto. Seja num treino, num jogo ou numa caminhada, existe sempre uma oportunidade para conviver, aprender com os outros e criar laços. A superação pessoal é outro aspeto fundamental: não se trata de sermos melhores do que alguém, mas de procurarmos evoluir continuamente, respeitando os nossos limites e celebrando cada conquista.

A minha filosofia é simples: praticar desporto de forma regular, com prazer e equilíbrio, porque investir na nossa saúde e bem-estar é um dos melhores compromissos que podemos assumir connosco próprios.

Como é que se consegue motivar os mais jovens da terra, hoje muito ligados aos ecrãs e à tecnologia, a calçar as sapatilhas e a ir descobrir o desporto e os caminhos da nossa região?

Acredito que a motivação passa, antes de mais, por dar o exemplo e mostrar que o desporto pode ser divertido, desafiante e uma excelente forma de estar com os amigos. Em vez de encarar a tecnologia como um obstáculo, podemos usá-la como uma aliada, promovendo atividades, desafios e eventos através das plataformas que os jovens utilizam diariamente.

Também é importante criar iniciativas atrativas, acessíveis e adaptadas às diferentes idades, onde todos se sintam bem-vindos, independentemente da sua condição física. Quando os jovens experimentam modalidades ao ar livre, descobrem as paisagens da nossa região, convivem com outras pessoas e sentem a satisfação de superar pequenos desafios, é muito mais fácil que ganhem gosto pela prática desportiva.

O essencial é mostrar que o desporto não é apenas exercício físico; é uma oportunidade para viver experiências, criar amizades, ganhar confiança e conhecer melhor a terra onde vivem. Se conseguirmos despertar essa curiosidade, estaremos a incentivar hábitos saudáveis que poderão acompanhá-los ao longo da vida.



O associativismo e o voluntariado são a base de quase todos os eventos desportivos nas pequenas comunidades. Como vês o papel das instituições locais (Junta de Freguesia, associações) no apoio aos praticantes e dinamizadores desportivos em Touro?

Nas pequenas comunidades, o associativismo e o voluntariado são verdadeiramente a força que faz acontecer. Sem o empenho das associações, da Junta de Freguesia, dos clubes e de tantos voluntários, seria muito difícil organizar atividades e criar oportunidades para que a população praticasse desporto de forma regular.

No Touro, considero que estas instituições têm um papel fundamental, não só no apoio logístico e financeiro, mas também na promoção de iniciativas que incentivem a participação de todas as gerações. Quando existe colaboração entre as diferentes entidades e a comunidade, conseguem-se criar eventos que dinamizam a freguesia, promovem hábitos de vida saudáveis e reforçam o sentimento de pertença.

É igualmente importante reconhecer e valorizar o trabalho de quem dedica o seu tempo, muitas vezes de forma voluntária, para organizar provas, acompanhar atletas e manter vivas as atividades desportivas. Investir no desporto é investir na saúde, na educação, na inclusão e no futuro da nossa comunidade. Por isso, acredito que o fortalecimento desta parceria entre instituições, associações e voluntários é essencial para continuar a fazer do Touro uma freguesia ativa, dinâmica e unida.

Se tivesses de resumir num convite ou numa frase o que espera a quem vem caminhar ou praticar desporto em Touro, o que dirias aos nossos leitores?

Diria simplesmente: venham conhecer Touro de sapatilhas calçadas e espírito aberto. Aqui vão encontrar muito mais do que trilhos e paisagens bonitas; vão encontrar uma comunidade acolhedora, natureza, tranquilidade e a oportunidade de viver momentos únicos, seja a caminhar, a correr ou simplesmente a desfrutar do que a nossa terra tem para oferecer.

O desporto é uma excelente forma de descobrir um território, de cuidar da saúde e de criar memórias. O meu convite é esse: venham conhecer o Touro, participar nas nossas iniciativas e sentir de perto a energia e o espírito de união que caracterizam a nossa freguesia. Tenho a certeza de que quem nos visita leva sempre consigo boas recordações e vontade de voltar! — (b)

Venham conhecer Touro de sapatilhas calçadas e espírito aberto. Aqui vão encontrar uma comunidade acolhedora, natureza, tranquilidade e a oportunidade de viver momentos únicos.

Quando caminhamos, o mundo muda de escala.

Texto: Vítor Santos,
Autor, cronista e Embaixador do Plano Nacional de Ética no Desporto

Há terras que se conhecem pelos mapas. Outras pelos livros. Algumas pelas histórias que nos contam. Mas há também terras que só se revelam verdadeiramente a quem as percorre devagar.

Vivemos num tempo em que quase tudo acontece depressa. Medimos os dias por horários, compromissos e notificações. Corremos para chegar, para cumprir, para responder. Muitas vezes atravessamos paisagens inteiras sem as ver, passamos por lugares sem os conhecer e cruzamo-nos com pessoas sem lhes dar tempo para existirem na nossa atenção.

Talvez por isso caminhar tenha recuperado um lugar especial na vida de tantas pessoas.

À primeira vista, parece apenas uma atividade simples. Um pé à frente do outro. Um caminho a percorrer. Mas quem tem o hábito de caminhar sabe que existe algo mais. Caminhar é uma forma de descobrir. De observar. De compreender. E, por vezes, de regressar.

Quando caminhamos, o mundo muda de escala. O que antes passava despercebido ganha importância.

Um muro construído pedra sobre pedra. A sombra de uma árvore antiga. O som da água que corre por uma levada. O desenho dos campos. O perfume da terra depois da chuva. Pequenos detalhes que a velocidade transforma em invisíveis e que o caminhar devolve ao nosso olhar.

Porque olhar não é o mesmo que ver.

Olhar é um gesto quase automático. Ver exige atenção. Exige presença. Exige disponibilidade para descobrir significado nas coisas aparentemente comuns. E é precisamente isso que o caminhar nos oferece: a oportunidade de ver melhor.

Os caminhos têm essa capacidade singular de nos ensinar a prestar atenção. Em cada curva surge uma nova perspetiva. Em cada subida, um horizonte diferente. Em cada aldeia, sinais de uma história construída ao longo de gerações. Há marcas do trabalho humano na paisagem, vestígios de tradições, memórias gravadas nas pedras, nos caminhos e nas casas. Tudo parece ganhar voz quando caminhamos sem pressa.

Mas caminhar não é apenas uma forma de conhecer os lugares. É também uma forma de cuidar de nós próprios.

Num quotidiano cada vez mais sedentário, caminhar continua a ser uma das atividades mais completas e acessíveis. Não exige equipamentos sofisticados nem grandes preparações. Basta vontade de partir. O corpo agradece o movimento, a mente beneficia da tranquilidade e o espírito encontra um raro espaço de liberdade. Muitas vezes, as melhores respostas surgem precisamente quando deixamos de as procurar e seguimos apenas o ritmo dos nossos passos.

Há também uma dimensão humana que torna o caminhar especial.

Poucas atividades aproximam tanto as pessoas de forma tão natural. Caminha-se lado a lado. Conversa-se sem formalidades. Partilham-se histórias, memórias, experiências e silêncios. Entre uma subida e uma descida surgem amizades, fortalecem-se laços e descobrem-se afinidades. O caminho torna-se um espaço de encontro.



Talvez seja isso que melhor exprime a ideia de cirandar. Não apenas andar em conjunto, mas criar comunidade através do movimento. Reunir pessoas diferentes em torno de uma experiência comum. Transformar um percurso numa partilha.

Ao mesmo tempo, caminhar é também uma forma de valorizar os territórios. Muitos dos caminhos que hoje percorremos foram abertos por gerações que deles dependiam para trabalhar, visitar familiares, conduzir rebanhos ou chegar às feiras e romarias. O que para nós é lazer foi, durante muito tempo, necessidade. Ao recuperar esses percursos, recuperamos também uma parte da memória coletiva.

Por isso, cada caminhada pode ser uma viagem entre tempos diferentes. O presente encontra-se com o passado. O visitante encontra-se com o habitante. A descoberta encontra-se com a recordação.

Para quem vive longe da terra onde nasceu, caminhar pode ter ainda outro significado. Há caminhos que guardam a infância. O percurso para a escola. A vereda para os campos. O atalho que parecia interminável e que hoje se percorre em poucos minutos. Reencontrar esses lugares é, muitas vezes, reencontrar uma parte de nós próprios.

Num mundo que nos convida constantemente a acelerar, caminhar continua a ser um dos mais simples atos de resistência. Obriga-nos a desacelerar. A observar. A escutar. A sentir.

E talvez seja por isso que algumas terras nunca se revelem completamente a quem apenas passa.

Revelam-se a quem para.
A quem observa.
A quem vê.
E, sobretudo, a quem escolhe caminhar. ⓑ

O Touro é botão de rosa

Texto: Jorge P. Lages, in 'Rimas de Outrora', - primeiros versos (1942)
edição de 1995

O Touro é botão de rosa
A abrir em linda flor
Com seis pétalas mimosas
Dispostas em seu redor.

São a Póvoa e a Avesseira
Admingueiros, Vidoínho
Laje Gorda – a de mais longe
E a Cerdeira -a mais pertinho.

Cinco letras tem o Touro
- Tal qual os dedos da mão
Hei-de gravá-los a ouro
Bem fundo no coração

O seu nome algo lendário,
Na raiz e tradição,
Lembra um «boi comunitário»
Ou grácil constelação...

Ser animal ou ser astro
É bem fácil a opção
- Quero, em luz, seu nome escrito
Do Cosmos na imensidão

“O Touro mudou muito, sem dúvida”

Avelino Ferrolho,
83 anos
3 filhos, 6 netos; 3 bisnetos

É frequente encontrá-lo na aldeia, no café do Holandês e tem sempre palavra gentil para quem chega, e pelos que não chegando, também são dos nossos. Ali pegamos na conversa de estaca, de ouvido escancarado, para conhecer e ouvir palavras de quem sabe. Um dos mais carismáticos tourenses foi a África cumprir obrigação militar, serviu dois anos na GNR. Não fugiu ao destino de tantos e abalou além Pirenéus, para França, “a ganhar dinheiro”. Esteve em terras gaulesas 10 anos, foi manobra, motorista, nacional e internacional, mas antes “foi preciso obter o permis de conduire”, diz, assim mesmo, em francês e enquanto partilhamos café e conversas. O apelo da terra mãe falou mais alto e Avelino Ferrolho regressou à aldeia de onde partira e durante “22 anos explorou um café”.
O “Café Ferrolho era casa cheia e de partilha de conhecimentos e amizades. Foram “esses conhecimentos” que lhe valeram “chamada para a política”.

Do café, andamos à rua, para as fotografias, mas a conversa leva fio. Fio e rumo. Foi candidato e “das duas primeiras vezes” conta que “perdeu, à terceira foi de vez”. Naquele tempo “Não havia dinheiro nem máquinas”, sobravam “ruas por fazer, o armazém da Junta por construir e ampliar os balneários do campo da bola, foi sem os primeiros fundos europeus”, recorda o antigo Presidente de Junta de Freguesia de Touro. “Não foi muito fácil, houve ali sacrifício”, reconhece, passado estes tempos.

“O que uma Junta tem que ter em atenção é a limpeza, o asseio e bons caminhos”, explica. No conjunto dos mandatos “foram limpos 30 quilómetros de caminhos e cuidados dos acessos para Cerdeira, Póvoa, Viduinho, Adomingueiros, Laja Gorda, Senhor da Boa Sorte e Touro”, elenca, enquanto apanhamos o sol que aquece as águas ao Côvo e o lajedo da rua Central.

Netos e bisnetos “estão uns na Suíça, outros na França, todos lá fora”.

Lembra-se de “outra preocupação, compor os caminhos por onde passavam os madeireiros, a Junta precisava mostrar o brio da Freguesia, realismo e muitas voltas pela freguesia, para ver o andamento”. Hoje “caminha pela freguesia, com gosto e orgulho no Touro que é um bom cartão de visita do concelho”. Com a certeza de que “o Touro mudou muito, sem dúvida”. — (b)

“caminha pela freguesia, com gosto e orgulho no Touro que é um bom cartão de visita do concelho”





“Ainda quase não voltei!”

Alberto Caldeira,
85 anos
2 filhos, 2 netos e três bisnetos

Enxuto e espadaúdo, os 85 anos reluzem ao sol primaveril do vigoroso octagenário. Encontramo-lo de volta do quintal, na Cerdeira, “a fazer uns arranjos na casa”. Tal como tantos na Freguesia, Alberto Caldeira “abalou a França”, onde “havia um contacto que nos pôs a trabalhar, estava à espera de nós na estação, que fui eu e mais três colegas que emigrámos”. Na França fez “um pouco de tudo”. “Obras públicas, operário nas fábricas, construção de estradas”. E como partiu? “Como partiram todos, a salto, à procura do pão de cada dia e de todos, foi uma vida difícil”, recorda Alberto Caldeira. No Touro e “na região a remuneração era baixa”, e uma vida explicada. Com a família dividida por dois países assume que “ainda quase não voltei”.

Contudo recorda “aqueles tempos, nem telefone havia no Touro, hoje liga-se o computador e faz-se uma video-chamada”, desabafa para “mitigar as saudades de netos e bisnetos”. Na época que esteve em França “eram cartas que mandávamos para Portugal”, conta ainda com um ligeiro sotaque. Entre a conversa, “o arranjo da cornija e as cerejas que estão bonitas” assume que é um “caminhante”. Um pedestre pelos caminhos da Freguesia, entre “Touro e Póvoa, hoje está tudo melhor que quando partiu”. “Entretido a fazer uma benfeitoria à casa” lembra-se das viagens de carro, “20 horas a conduzir, para mim terminou”, garante.

“Portugal, França, Portugal, mas de avião, de automóvel já lá vai esse tempo”, atira com uma gargalhada.

Não se incomoda com o “vai e vem, a nossa terra chama sempre por nós”, diz, enquanto nos mostra o jardim e fazemos o retrato.— ⓑ

“O passador garantia trabalho”

Joaquim Rebelo dos Santos,
85 anos
6 filhos, 13 netos, 7 bisnetos

Joaquim Rebelo está entretido a regar a horta, junto à casa, na Póvoa. Boné na cabeça, “o sol já vai alto e quente”, aponta o caminho para fugir ao rego da água, que corre por entre as couves, umas cortadas nas mãos da família que ajuda aos trabalhos, outras a crescer. “Temos que cuidar da belga”, justifica. Na mão uma enxada e, também aqui, um idoso vivaz, recordado ainda como “partiu para França; a salto como todos”.

Enquanto conversamos, não deixa de ataviar o maneio da horta. “O passador” que o levou, prossegue, também “garantia o trabalho”. E cumpriu a promessa com trabalho e salário em França.

“entretém-se a cuidar da horta, a caminhar e a dar a volta aos terrenos”

“Numa serração, dez horas por dia, puxado”, lembra. “Fazíamos travessas para as linhas ferroviárias, com 15 centímetros de altura”, detalha. “Travessas pesadas, feitas de carvalho, dos que fomos, ficámos apenas dois naquela firma, o trabalho era pesado e pedia músculo, não era para qualquer um”.

Em Paris faz-se “operário na construção civil e pépiniériste”. Desculpe? “Viveirista”, traduz do francês com um sorriso de satisfação entre quem conversa dividido por duas línguas.

“Nunca fui permanente, ia e vinha e isso prejudicou a reforma”, admite, passados estes anos. Com família em Portugal e na Suíça, “entretém-se a cuidar da horta, a caminhar e a dar a volta aos terrenos”, mas, assume, faz as suas “caminhadas pela Freguesia”. — (b)

Burel, a revista do Touro (magazine da Freguesia do Touro)
é uma publicação de informação institucional, semestral,
editada e produzido pela Junta de Freguesia do Touro.

Tem âmbito universal, ao servir de veículo de comunicação institucional
da Freguesia. Por isso é dirigida pelo Presidente em funções, que tem
consultadoria para cumprir com esses desígnios, no respeito pelo pluralismo
democrático. E não renega, antes louva e elege, a geografia
e as Terras do Demo como pertença.

Queremos dirigir-nos ao conjunto da população, que vive e trabalha
na Freguesia, que a ela tem ligações ou por ela sente afinidade, dedicando
atenção à informação local, tendo em conta as tradições, a diversidade
e a evolução contínua da Freguesia. Progresso com tradição e origem.
O conteúdo é definido com profissionalismo, rigor, espírito crítico
e honestidade intelectual. O objetivo primacial é divulgar as informações
pertinentes para o conhecimento da Freguesia, enquanto local
de vivência e usufruto.

Tem edição semestral, sempre dedicada a um tema que integre as vivências
da freguesia e que sirva para nos erigir numa identidade comum, a das Gentes
do Touro, terra de Boa Sorte, e tem por lema "Terra fértil, gado e caça",
no feliz desígnio do Cónego Fonseca da Gama. Não renegamos quem somos,
nem recusamos futuro que não possamos alcançar. Por isso se destina a todos
os Tourenses, os que vivem na Freguesia e os da diáspora,
os que por cá passam e os que por cá ficam. E os que cá voltam.

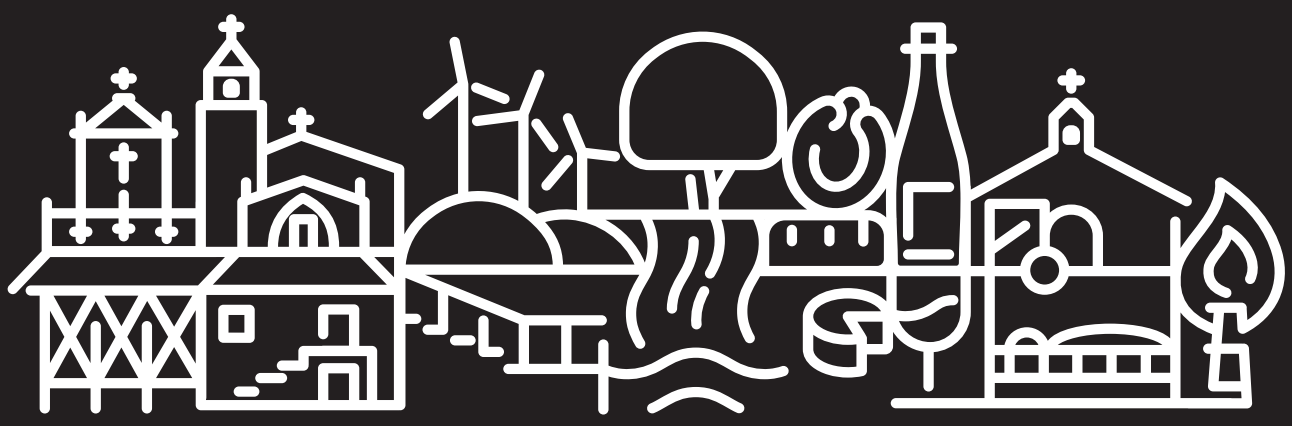
"O principal afluente do Paiva, dentro do Concelho é o rio Covo formado por quatro ribeiros que descem da Nave. Passa na Póvoa, Cerdeira, Touro e Vila Cova, indo lançar-se no Paiva, a poente de Fráguas. Este rio é também conhecido pelo nome de «Touro», por as suas nascentes ficarem no limite da freguesia do mesmo nome e banhar todas as suas povoações."

CÓNEGO FONSECA DA GAMA

ADOMINGUEIROS
AVESSEIRA
CERDEIRA
LAGE GORDA
PÓVOA
TOURO
VIDUINHO

JUNTA DE FREGUESIA DE TOURO
R. Cónego Alfredo Ferreira Morais Martins
TOURO

E.: freguesiadotouro@hotmail.com
T.: 232 602 304



Touro. Para ver e viver.